



“A Educação é a porta para tudo”: o valor da educação para o assentamento Florestan Fernandes

“Education is the door to everything”: the value of education for the Florestan Fernandes settlement

José Wilson Moura Santos¹; Cleones Gomes dos Santos²

¹Aluno do Mestrado Profissional em Ensino de História pela Universidade Federal de Sergipe; professor da rede estadual de ensino do Estado de Sergipe; professor do município de Itabaiana/SE; bolsista da Capes; e-mail: wilsonmoura1@yahoo.com.br.

²Aluno do Mestrado Profissional em Ensino de História pela Universidade Federal de Sergipe; professor da rede estadual de ensino do Estado de Sergipe; bolsista da Capes; e-mail: cleones.santos@gmail.com.

Todo o conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos seus autores.

Recebido em: 08 de março de 2020; Aceito em: 06 de abril de 2020; publicado em 10 de 01 de 2020. Copyright© Autor, 2020.

RESUMO: Este artigo é produto das discussões da disciplina “Tópicos especiais em Ensino de História” ministrada pelos professores-doutores Paulo Heimar Souto e Joaquim Tavares e da “Visita Técnica ao Assentamento Florestan Fernandes”. Esta disciplina se pautou no estudo da História Oral, a exemplo de Chiozzini (2007), Pollak (1992), Nora (2012), Thompson (1952) entre outros e, na visão de educação defendida por Freire (2019) e Perrenoud (2002), os quais abordamos neste texto. Temos como objetivo demonstrar como esses estudos nos levaram a conhecer o Assentamento Florestan Fernandes, e a partir da História Oral buscar conhecer a História de vida que emerge das narrativas, das vivências e experiências de alguns assentados. Como procedimento metodológico realizamos uma visita de observação em lócus e entrevista com uma pessoa da localidade. Por fim, percebemos o quanto a educação é de fato um instrumento para mudanças que ultrapassam os limites da formalidade institucional.

PALAVRAS-CHAVE: História Oral, Narrativa, Aprendizagem.

ABSTRACT: This article is a product of the discussions of the discipline “Special Topics in Teaching of History” administered by the teachers-doctors Paul Heimar Souto and Joaquim Tavares and from the “Technical Visit to the Registration Florestan Fernandes”. This discipline ruled in the study of the Oral History, just like Chiozzini (2007), Pollak (1992), Daughter-in-law (2012), Thompson (1952) between others and, in the vision of education defended by Monk (2019) and Perrenoud (2002), which we board in this text. We have as demonstrating objective as these studies led us to know the Registration Florestan Fernandes, and from the Oral History to look to know the History of life that surfaces of the narratives, of the existences and experiences of fixed someone. Like proceeding methodologic we carry out an observation visit in locus and it interviews with a person of the town. For end, we realize that it as for education it is in fact an instrument for changes that exceed the limits of the institutional formality.

KEYWORDS: Oral history, Narrative, Apprenticeship.

INTRODUÇÃO

Este artigo é produto das discussões da disciplina “Tópicos especiais em Ensino de História” ministrada pelos professores-doutores Paulo Heimar Souto e Joaquim Tavares e da “Visita técnica ao Assentamento Florestan Fernandes”. Esta disciplina se pautou no estudo da História Oral, a exemplo de Chiozzini (2007), Pollak (1992), Nora (2012), Thompson (1952) entre outros e, na visão de educação defendida por Freire (2019) e Perrenoud (2002). Esses estudos nos levaram a conhecer o Assentamento Florestan Fernandes e a partir da História Oral buscar conhecer a História de vida que emergem das narrativas a partir das vivências e experiências de alguns assentados entrevistados pelos discentes do Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal de Sergipe.

Inicialmente, vamos discutir sobre a construção da narrativa de Antônia. No decorrer da nossa conversa observamos que a sua construção tem dois sujeitos que sobressaem: ela e a educação. Segundo Pollak, é o estilo temático que desponta na narrativa da entrevistada haja vista não se deter a cronologia ou ao estilo factual, mas a educação com mais afinco (1992, p. 213). Ela tem a educação com objetivo final, uma convicção internalizada, para a melhoria das condições do local que vive: o Assentamento Florestan Fernandes.

Assim sendo, o trabalho aqui apresentando procurou conhecer como um membro do Assentamento Florestan Fernandes vislumbra o espaço em que vive; seu sentimento de pertencimento e identidade ao assentamento, ao sertão e a todo o meio ambiente ao seu redor, evidenciando o rio São Francisco “o Velho Chico”; sua trajetória de vida; seus sonhos, lutas e expectativas futuras.

REFERENCIAL TEÓRICO

O município onde se localiza o Assentamento Florestan Fernandes foi palco, nas primeiras décadas do século XVII, da exploração de bandeirantes ávidos pelas riquezas da região. Nesse período que foi sesmaria do desembargador Burgos e de outros. Anos depois, o território integrou o Morgado de Porto da Folha, criado pelo fidalgo D. Antônio Gomes Ferrão Castelo Branco. Entretanto, os colonizadores abandonaram a

região em virtude das poucas chuvas e das frequentes secas e, esqueceu-se da abundância e riqueza às margens do rio São Francisco (IBGE, 1958, p.292-295; WIKIPÉDIA, n.d.).

Nas últimas décadas do século XIX, sabe-se da existência de apenas quatro fazendas no território do povoado Canindé: Cuiabá, Brejo, Caiçara e Oroco (Esta última fazenda deu lugar ao Assentamento Florestan Fernandes). Foi nesse período que Francisco Cardoso de Brito e Chaves comprou a propriedade pertencente ao Capitão Luiz da Silva Tavares localizada no chamado ‘Canindé de Baixo’ para construir sua residência e investir na atividade de curtume. Este progrediu e ao longo dos anos contribuiu para o progresso do local, o aumento populacional em virtude da oferta de emprego e o de moradias. Entretanto, na região do povoado conhecido como ‘Canindé de Cima’ se manteve sem investimentos, com as poucas famílias de pescadores que viviam praticamente da pesca e, viviam na vida simples, pobre com seus entes em suas casas de tapera (Id, 1958, p.292-295; id, n.d.).

Em virtude da melhoria de sua condição econômica, graça ao curtume, o povoado que outrora integrava o município de Porto da Folha, obteve a condição de vila em 28 de março de 1938. Em 31 de dezembro de 1943, a Lei 377, determinava que Canindé passasse a denominar-se Curituba com intuito de evitar pluralidade de nomes no país. Medida que acabou desagradando à população. Só em 25 de novembro de 1953 favorecida pela Lei Estadual nº 525-A, Curituba foi elevada a condição de cidade. E só depois de quinze anos que o município tem seu nome de origem devolvido por força da Lei nº 890, de 11 de janeiro em 1958, passando a denominar-se Canindé de São Francisco (Ibid, 1958, p.292-295; ibid, n.d.).

O Assentamento Florestan Fernandes está situado no município de Canindé de São Francisco, integrante da região do Baixo São Francisco que tem como relevo o pediplano sertanejo que é formada por rochas duras resultado da solidificação do magma; o solo é árido em virtude da escassez de água, contudo com certa fertilidade e com uso pouco da atividade agrícola; o clima é o semiárido, com poucas chuvas irregulares durante o ano; seu tipo de vegetação é a caatinga hiperxerófila que entre sua composição estão espécies de vegetais como o Mandacaru, cabeça-de-Frade, Umbuzeiro, Juazeiro, etc. O município integra a bacia do rio São Francisco que toma todo o norte do estado, fazendo limite com o Estado de Alagoas (CORRÊA, *et al.* 2005, p. 08-23).

Os assentados estão a 16 km da zona urbana do município de Canindé de São Francisco. Têm uma área de cerca de 824,9744 hectares que foi distribuído em 32 lotes,

com áreas de reserva legal e área de uso coletivo. Nela se encontra por volta de 42 famílias que perfaz um total de 200 habitantes entre adultos e jovens. A maioria dos assentados foi originária da luta do Movimento dos Sem Terra (MST) que ocupou outrora a “Fazenda Oroco” que pertencia a José Américo, cujo mesmo resistiu e entrou em conflito com ocupantes de sua terra. Depois de vários conflitos, em 2000, a fazenda foi desapropriada e loteada aos futuros assentados (CALADO, *et al.* 2019, p. 7).

Diante de toda essa discussão histórica da localidade, destacamos que, o acesso à memória possibilita o esclarecimento dos conflitos, promoção dos esquecimentos ou a manutenção de certas memórias. Também, a História Oral, possibilita a compreensão das classes sociais, os seus embates, lutas e aspirações. Além de permitir o reconhecimento das identidades e sentimentos de pertencimento (CHIOZZINI, 2007).

Tanto a memória quanto a identidade estão em construção e sempre em disputa para se afirmarem socialmente e privilegiar assim, um marco, um fato, uma data... em detrimento a outros eventos que aconteceram no meio social. Por isso, segundo Michael Pollak (1992, p. 204), afirma que

a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

Devemos considerar, também, que a educação é o principal meio para que se chegue a esse fim almejado. Por isso, caracteriza a educação como “essencial”, “porta para tudo”, “vida”... Ela (a educação) tem a força de proporciona mudanças, melhorias, criar sentimento de pertencimento, de apropriação, de segurança, de identidade com o assentamento a ponto de defender, zelar, trabalhar, emocionar-se, orgulhar-se, amar o que é e o local em que vive com os seus entes.

Os melhores narradores são aqueles que deixam fluir as palavras na tessitura de um enredo que inclui lembranças, registros, observações, silêncios análises, emoções, reflexões, testemunhos. São eles sujeitos de visão única, singular, porém integrada aos quadros sociais da memória e da complexa trama da vida (DELGADO, 2003 p. 22-23).

De acordo com Michael Pollak, as memórias individuais e coletivas estão intrinsicamente relacionadas já que o indivíduo constrói suas memórias a partir das relações sociais. A memória de cada pessoa pode ou não interagir com a de outros

indivíduos e, isso vai depender da posição social, formação intelectual, as experiências cotidianas e/ou a participação em movimentos sociais e políticos. Ainda, a memória é um elemento que forma a identidade do indivíduo tanto quanto coletivamente. Essa construção se dá diretamente na relação do indivíduo com os demais membros da sociedade e ao grupo em que se insere (POLLAK, 1992, p. 201).

A História Oral dentro da disciplina escolar História dá voz aos esquecidos, discriminados, humildes da sociedade, evoca as memórias daqueles que são ‘esquecidos’. Revela um contexto histórico que não é dado lugar nos livros didáticos de História e que a partir destas memórias reforça o sentimento de identidade, alteridade, dignidade, respeito, experiências e importância destes dentro da sociedade. Mas, pode ir além dos muros da escola, esclarecendo, tornando visível, desmitificando conceitos, visões deturpadas ao explorar e demonstrar as vivências, histórias, experiências e conhecimentos dos alunos e de pessoas das mais diversas comunidades, classes sociais e/ou segmentos da sociedade (FARIAS, 2018).

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

A metodologia utilizada nesse trabalho é a História Oral por aproximar gerações diferentes, além de percebermos o entrevistado como sujeito da História, portador de um sentimento de identidade e pertencimento a comunidade em que vive. Também, afirmarmos que ao trabalharmos a História Oral estaremos promovendo desenvolvimento do conhecimento e o estudo das experiências vividas. Ela possibilita que a subjetividade da narrativa a torne objetiva (POLLAK, 2019).

Por isso que o trabalho com “a história oral lança a vida para dentro da própria História, o que contribui para compreendê-la como algo construído por pessoas nos diferentes tempos e espaços, distanciando-se da concepção métrica e fragmentária” (GUIMARÃES, 2012, p. 347).

Na busca de desenvolver o procedimento buscamos ir em locus, observar a comunidade e entrevistar moradores da região, nos detendo principalmente na fala de uma delas.

A escolha da nossa entrevistada se deu a partir da publicação de uma obra poética intitulada “Cantos e Contos do Florestan” que é um conjunto de poemas produzidos por

dezesseis membros do Assentamento Florestan Fernandes e foi publicado no ano de 2019. Nesta obra literária os poetas-assentados declamam sobre a beleza da natureza na caatinga, a importância da preservação do rio São Francisco e da água, a fauna e a sua biodiversidade, a beleza da flora, o calor, os sonhos, o assentamento em que vivem e o encanto do amanhecer no sertão de Canindé. Entre os poetas da obra, escolhemos uma que para preservar sua identidade a trataremos pelo nome de Antônia.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Diante do que foi observado e analisado na fala de nossa entrevistada percebemos que a educação é um meio enfim de firmar a aceitação e o antídoto contra discriminação vinda de qualquer parte, como a exemplo, da escola.

Essencial. A educação é nossa vida (...). Você é um pouco discriminado por ser assentado. Eu sempre sofri isso. Por morar em assentamento, você chega na escola, perguntam: você mora onde? No assentamento. Por conta dessa, acredito que a educação deveria ser essencial na vida das pessoas que moram distante da cidade por sofrer preconceito. A educação é a porta para tudo (Entrevista aos autores em 23/11/2019).

A narradora fala da educação como libertadora e meio para formação de uma igualdade social e de senso crítico, imprescindível à vida humana. A educação é vista também como ferramenta de luta social contra qualquer tipo de discriminação, dominação, alienação e, ainda mais, a do preconceito que é fator de tristeza, mágoa, revolta, afastamento, reclusão e de fuga para muitos que moram na zona rural dos municípios, sejam assentados ou não. Diante de tal posição, a educação cumpriria o papel de dá voz, vez e visibilidade aos assentados e aos que moram “distante da cidade” e condições de lutarem, reverterem o status quo do preconceito, da discriminação sofrida no âmbito escolar e provavelmente em toda a sociedade.

A construção da narrativa de Antônia sobre o preconceito sofrido na escola é a denúncia de uma sociedade que persiste em estabelecer padrões, critérios, conceitos que alimentam e corroem internamente pessoas, famílias que buscam uma vida digna. O seu semblante ao se reportar a experiência in loco, como estudante, ainda está vivo em sua memória a tal ponto que não consegue evitar que seja refletido em seu semblante que

enrubesce, olhos que imergem em lágrimas, mãos que se entrelaçam em tensão e sofrimento..., a angústia, a tristeza de quem sofreu e sofre acaba por envolver em sentimento os interlocutores a ponto de todos se emocionarem e sentirem o quanto é doloroso, vivenciar e ser alvo de discriminação no local que a princípio preza pelo conhecimento, a luta pelo respeito as diferença e igualdade. Essa reação da entrevistada, segundo Souto, é previsível já que “o ato de lembrar está ancorado nos acontecimentos expostos de quem os vivenciou, sendo expostos nas narrativas de suas memórias, sentimentos, valores, crenças e motivações” (2015, p. 27).

Em virtude disso, é que Antônia repete em nossa conversa por várias vezes que “a educação é a porta para tudo”, já que vê a educação como meio onde os assentados e os demais discriminados na coletividade poderem criar estratégias, ações, discussões e, mostrarem o que são e diluir impressões pré-concebidas sem fundamentação alguma. E assim, alcançarem o reconhecimento, aceitação e respeito no meio social.

O pensamento da entrevista é corroborado com a defesa de uma educação libertadora e humanista de Paulo Freire ao discorrer que

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se, na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação (FREIRE, 2019, p. 57).

O relato de nossa entrevistada pode nos apontar realidade, sonhos, preconceito, esperanças, identidade, luta, amor, pertencimento, problemas, etc. que os assentados do Florestan Fernandes enfrentam e abraçam diariamente na busca por um futuro melhor que é vislumbrado em sua narrativa. Dessa forma, Antônia não se configura como apenas uma narrativa individual com desejo ou ponto de vista pessoal. Mas, acaba por também revelar uma narrativa do coletivo, ou seja, de todos os assentados. Visto que as impressões ou opiniões ou certezas ditas pela mesma se confundem na forma de pensar e acreditar dos demais que compõem o assentamento Florestan Fernandes.

Do próprio Estado ou de muito longe ou ainda de Estados vizinhos a Sergipe se formam grupos de pessoas em busca de um pedaço de terra para plantar e colher. O sonho de se estabelecer num lote que lhe dê a condição, a dignidade e um futuro melhor

que sustente e ampare a sua família, levam homens, mulheres e crianças a percorrem grandes distâncias e deixarem seus entes queridos: pai, irmãos, avôs, tios e, até mesmo, esposa e filha na promessa de em pouco tempo estar todos juntos numa terra que poderão chamar de lar. Em virtude desse anseio, Antônia nos relata com muita emoção a luta do pai para tem um lugar onde repousar e viver com os seus.

Meu pai desde adolescente enfrentava o Sem Terra. Passou por vários lugares, vários acampamentos e terminou se assetando aqui, no Florestan Fernandes. Meu pai e minha mãe são alagoanos [...] eu nasci na Bahia. Só fiz nascer. Meu pai e minha mãe já moravam aqui em Sergipe. Eles de lá pra cá. Meu pai desde adolescente entrou no Sem Terra [...] Passou por vários acampamentos e acabou se assentando aqui, no Florestan Fernandes... (Entrevista aos autores em 23/11/2019).

O pai de Antônia é um sertanejo forte que encarou e encara todos os desafios impostos tanto pela situação econômica quanto pelas adversidades impostas pela natureza de um clima árido, quente, sol escaldante, pouca água... mas, de inigualável valor para o mesmo como para toda a sua família. E nessas idas e vindas por diversos acampamentos, experiências vividas, sofrimentos, lutas, medos, esperanças, convivências com pessoas de outros lugares, encontrou o local ideal para se assentar. Esse foi o último que ‘enfrentou’: o acampamento das terras da “Fazenda Oroco”. Segundo a entrevistada nesse período:

Meu pai vivia no assentamento e durante o acampamento, minha mãe ficava com a gente, ela morava na casa de meu avô, um pouco distante daqui e meu pai ficava com o Sem Terra (Entrevista aos autores em 23/11/2019).

Depois de muitas lutas, enfrentamentos... enfim, a vitória. A fazenda foi desapropriada e no ano de 2000 o pai de nossa entrevista realizou o seu objetivo: com recompensa de suas caminhadas, lutas, perseverança, recebeu um lote de terra de onde pode através de sua labuta e do suor do rosto tirar o sustento de sua família. Naquela época, Antônia já contava com cinco anos de idade. Foi com essa idade que a narradora veio “morar definitivamente no assentamento” com seus pais.

A preocupação e a importância atribuída à educação pelos pais são claras quando a nossa entrevistada expôs que entre o período de acampamento e do assentamento de sua família, ela e sua mãe não se faziam presentes no local ao não ser nos finais de

semana, já que os seus pais ficavam preocupados em lhes dá uma formação acadêmica. Por isso que “...a gente só vinha no final de semana, porque eu estudava”.

Os empecilhos como a distância, a separação da família por determinados períodos, às dificuldades financeiras possivelmente... não impediram o desenvolvimento educacional da narradora, pelo contrário, foi mola propulsora para que a mesma visse na educação um dos meios para melhoria da vida, sinal de respeito, lutar contra o preconceito, preservar seu modo de ser e de viver no assentamento, defender os direitos dos assentados e buscar alternativas para a melhoria do local em que vive.

O zelo pela educação de Antônia por parte de seus pais leva a entrevistada a acreditar que o ensino é transformador de vidas e desmistificador de impressões preconceituosas que não passam, segundo ela, de ‘mal entendido’ ou ‘desinformação do outro’. Por isso que, em dos seus intentos, planeja via educação mudar essa realidade tão triste que fere no mais íntimo dos assentados, como ela, que é o preconceito que sofre por ser assentada.

A emoção ao tratar desse assunto corrói a alma da narradora ao ponto de seus olhos se inundarem em lágrimas e as suas mãos se abraçarem para conter a emoção. Por essa razão, os seus planos para sensibilizar, diminuir tal preconceito ocorrem via educação.

“Investiria em projetos que pudesse acabar com esse preconceito. Pois o preconceito é um pré-julgamento, uma concepção que já existe sem que haja fundamentação científica sobre tal opinião, ou seja, é algo que as pessoas não conhecem e falam sem ter verdadeira concepção. É uma ideia formada que ambos tem sem saber determinado assunto. Por isso, que colocaria projetos voltados para acabar com a ideia do preconceito, ou seja, buscaria pessoas de fora para conhecer melhor o assentamento, dessa forma, eles iriam poder ter outra visão de como é na verdade a vida, costumes de um assentado (Entrevista aos autores em 23/11/2019)”.

Na fala de Antônia, notamos todo o apego ao assentamento. O seu elo com o mesmo é muito forte. Ela se sente totalmente representada e orgulhosa a ponto de deixar transparecer em sua fisionomia e em seus olhos que se enchem de emoção pelo sentimento de pertencimento ao lugar. “Na verdade eu cresci aqui, né. Só fui para a cidade mesmo, esse ano por conta do trabalho. Mas... mesmo assim, vivo lá e cá. (emocionada, olhos cheios de lágrimas)”. O calor, a seca, a escassez de água, as poucas alternativas de produção agrícola e pastoril... não são motivadores para a sua migração para o centro urbano. Pelo contrário, são elementos que estão intrinsecamente ligados à

Antônia e a esperança de um dia melhorar se faz o grande motivador para a permanência e o fortalecimento do sentimento de pertencimento ao lugar. É o que notamos na fala da entrevistada:

“Eu tenho a ideia que aqui possa melhorar e a gente fique por aqui mesmo. Não vai precisar se deslocar daqui e ter que ir para outra cidade a procura de emprego (Entrevista aos autores em 23/11/2019).”

Todas as adversidades impostas tanto pela natureza quanto pelas dificuldades de produção agropecuária e econômicas são determinantes para resistência, luta, busca de novas estratégias de renda e jamais causas para abandonar, deixar o assentamento. E para a Antônia, além da busca de alternativas de renda para o assentamento, ela preconiza a educação como princípio singular para os assentados serem reconhecidos e respeitados pela sociedade local e em geral.

Nessa luta pelo reconhecimento e respeito dos assentados perante a comunidade local, Antônia vê no ensino de História uma grande aliada na luta da aceitação dos seus pares. Pois, segunda ela, ao ser divulgado, trabalhado em escola e no meio social

“A História do assentamento Florestan Fernandes. Mostrar a história do assentamento, que nem todo mundo conhece. São poucas pessoas que conhecem o assentamento por Florestan Fernandes, conhecem mais como Oroco [...] era uma antiga fazenda aqui, que o dono daqui vendeu... (Entrevista aos autores em 23/11/2019)”.

A educação é tão singular para dias melhores no assentamento que diante de todas as adversidades para estudar como transporte e questões financeiras enveredou no campo da educação. A sua paixão pela docência, iniciou-se muito cedo, desde a adolescência quando se sentiu vocacionada ao experimentar ser ‘professora’ da ‘escola bíblica’ no assentamento, onde instruía as crianças na vida religiosa ao ministrar os primeiros ensinamentos da Bíblia à luz da religião que pratica.

Nos dias atuais, ainda não leciona, contudo, é uma questão de tempo. Considerando que a mesma se encontra em vias de conclusão do curso de pedagogia e num futuro próximo realizar uma de suas grandes aspirações que é lecionar para crianças. A fala da entrevistada se enche de alegria e de uma profunda emoção ao discorrer sobre seus sonhos. “Porque eu gosto de criança. É tanto que quero fazer

especialização na área de educação infantil, não quero os anos iniciais. Quero focar na educação infantil” (Entrevista aos autores em 23/11/2019).

A entrevistada aspira na atividade docente não apenas como uma profissão ou um meio de sobrevivência, mas uma forma de ajudar, aprende, contribui, dialoga e orientar as crianças. Para ela, a profissão professora não se encerra então em apenas ensinar a ler e escrever. Tal posição é corroborada por Paulo Freire ao discorrer que

“Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os ‘argumentos de autoridade’ já não valem. (...) Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. (...) são agora investigadores críticos, em diálogo com o educador, investigador crítico, também (2019, 95-97)”

Ser professora para a narradora não é apenas ensinar a ler e escrever. O ser professora vai muito além do quadro e do giz.

“É você ter a oportunidade de poder mudar história das pessoas e si permitir aprender da mesma forma que você está ensinando, ou seja, é troca de conhecimento. É você plantar uma planta que precisa muito de amor, atenção e cuidado para que a mesma venha a crescer e dar frutos no futuro dessa forma é o ser professora. Também, tem o outro lado da história que devemos ter um olhar crítico, às vezes o aluno está com algum problema e temos que resolver. E é na faculdade que estudamos a disciplina de psicologia, para nos embasar acerca determinados assuntos, dessa forma conseguiremos detectar melhor a situação de cada um, por isso, que a professora é um pouco de tudo: amiga, mãe, conselheira, etc... (Entrevista aos autores em 23/11/2019)”.

É no âmbito da escola como um todo que a formação de um ser crítico e deve preparar o discente para a vida, para a adversidade, para a convivência social. A escola tem um papel importantíssimo na construção de uma sociedade livre de discriminação, preconceitos, por exemplo.

E o seu futuro trabalho pedagógico não se finda em sala de aula. Este é apenas um dos meios para contribuir com o assentamento e o seu desenvolvimento social e econômico. Antes de ser docente é poetisa. A poesia fala ao coração, por meio da sensibilidade pretende educar tantos os seus pares como pessoas em geral em vista de preservar, cuidar e proteger a natureza. E é o “Velho Chico” o principal tema de seus poemas. A preocupação da narradora é estampada pela falta de cuidado e de senso de preservação dos seus usuários.

“Bom, eu não tinha muito contato com o rio, sempre morei aqui, mas não tinha o privilégio, que hoje tenho e, isso por conta de não ter transporte para chegar até lá. Mas, hoje posso dizer, tenho sorte por conhecer de perto as belezas do rio São Francisco. Porém, quando tive esse contato de perto, vir que a maioria das pessoas que vão passar um final de semana na beira do rio, não pensa nos seus atos, pois algumas pessoas poluir o rio (Entrevista aos autores em 23/11/2019)”.

Para os assentados a água é um bem precioso, primeiro pela sua importância crucial de ser razão de sobrevivência de todos. É graças a ela que têm a produção de culturas agrícolas, criam seus animais e utilizam para os diversos fins tanto pessoais quanto em comunidade. Por outro lado, sofrem pela insuficiência desse líquido precioso no assentamento. Fator que prejudica principalmente em períodos de estiagem o desenvolvimento da atividade agrícola e, até mesmo, faltam-lhes para beber e banhar-se. Daí a imposição severa, diante da precisão, muitos assentados se descolarem de seus lares para atividades externas tanto na zona urbana do município quanto para exercerem atividades diversas noutros estados. Tentando conter as lágrimas e visivelmente emocionada a narradora confessa: “Eu tenho a ideia que aqui possa melhorar e a gente fique por aqui mesmo. Não vai precisar se deslocar daqui e ter que ir para outra cidade a procura de emprego” (Entrevista aos autores em 23/11/2019).

Por isso, em suas poesias nos convida, sensibiliza os leitores o quanto é importante preservar a natureza, os rios... que “é vida para nós”.

Em sua narrativa, Antônia evoca a sua memória em três momentos. O primeiro, a vida antes do assentamento; o segundo, sua vida, trabalho, dores, alegrias...; e o terceiro, esperanças, sonhos e projetos para o assentamento Florestan Fernandes. Nesse terceiro momento, deixa escapar que seus sonhos individuais se tornam também sonhos coletivos, já que envolvem todos os assentados. Segundo Joël Candau (2016, p. 60)

As relações de si para si mesmo, o trabalho de si sobre si mesmo, a preocupação, a formação e expressão de si, supõem um trabalho da memória que se realiza em três direções diferentes: uma memória do passado, aquela dos balanços, das avaliações, dos lamentos, das fundações e das recordações; uma memória da ação, absorvida num presente sempre evanescente; e uma memória de espera, aquela dos projetos, das resoluções, das promessas, das esperanças e dos engajamentos em direção ao futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência nos narrada por Antônia não é única, mas vivenciada por outros assentados que nos narraria não igual, mas dando-nos outras abordagens já que a memória é seletiva e as escolhas do que lembrar e esquecer diverge de pessoa para pessoa. Pois, o que pode ser considerado importante de lembrar individual ou coletivamente depende do que é marcante para cada indivíduo. Ainda, segundo Pierre Nora “O que nós chamamos de memória é, de fato, a constituição gigantesca e vertiginosa do estoque material daquilo que nos é impossível lembrar, repertório insondável daquilo que poderíamos ter necessidade de nos lembrar” (2012, p. 15).

Enfim, é graças a História Oral que “a narrativa nos permitiu sentir cada contorno, cada ponto, cada linha imaginária, assim como a dimensão de sua globalidade” (Id, 2007, p. 116).

Também, notamos que as disciplinas curriculares e, como são trabalhadas em sala de aula pelos docentes na universidade, têm uma importância fundamental para sensibilizar e preparar o discente para a atividade pedagógica em sala de aula. Por isso, as universidades são ainda “o melhor lugar para formar os professores da prática reflexiva e do envolvimento crítico” (PERRENOUD, 2002, p. 210). A disciplina ‘psicologia’ foi basilar para formar uma consciência crítica, atenta e de sondagem do comportamento e necessidades do aluno.

REFERÊNCIAS

1. CALADO, Andresa; et al. *Cantos e contos do Florestan*. Canindé de São Francisco: Aclas Editora, 2019, 30p. (Coleção Artes & Letras).
2. CANDAU, Joël. Da mnemogênese à memogênese. In: *Memória e identidade*. 1ªed. São Paulo: Contexto, 2016, p. 59-82.
3. CHIOZZINI, Daniel Ferraz; MESQUITA, Ilka Miglio de; TUMA, Magda Madalena. Potencialidades da história oral e da memória para o diálogo com professores e professoras em suas singularidades. ZAMBONI, Ernesta (org.). *Digressões sobre o ensino de História. Memória, História oral e razão histórica*. Itajaí: Editora Maria do Cais, 2007.

4. CORRÊA, Luiz Fernando de Melo; CORRÊA, Antônio Wanderley de Melo; ANJOS, Marcos Vinícius Melo dos. *Sergipe nossa geografia: Ensino Fundamental*. Aracaju: Info Graphic's, 2005, 72p.
5. DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. *História Oral*, 6, 2003, p. 9-25. Disponível em: <https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/819734/mod_resource/content/1/DELGADO%2C%20Lucilia%20%E2%80%93%20Hist%C3%B3ria%20oral%20e%20narrativa.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2019.
6. FARIAS, Ana Lígia Rodrigues de. *Rompendo o silêncio: história de vidas no ensino de história na educação de jovens e adultos na EMEF Oviedo Teixeira em Aracaju/SE*. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, SE, 2018. Disponível em:<<https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/430087/2/Rompendo%20o%20Sil%C3%A2ncio%20Hist%C3%B3rias%20de%20Vidas%20no%20Ensino%20de%20Hist%C3%B3ria.pdf>>. Acesso em: 24 ago. 2019.
7. FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 68ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019, 256p.
8. GUIMARÃES, Selva. Diferentes fontes e linguagens no processo de ensino e aprendizagem. In: *Didática e prática de ensino de História*. 13ª Ed. Campinas, SP: Papirus Editora, p. 257-400 (Coleção Magistério: formação e trabalho pedagógico).
9. IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Curitiba*. In: Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. Volume 19. Rio de Janeiro, IBGE, 1958, p 253-25
10. NORA, Pierre; AUN KHOURY, Tradução: Yara. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, [S.l.], v. 10, out. 2012. ISSN 2176-2767. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101>>. Acesso em: 24 ago. 2019.
11. PERRENOUD, Philippe. *Dez desafios para os formadores de professores*. In: *A prática reflexiva no ofício do professor: profissionalização e razão pedagógica*. Trad. Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2002, p. 169-188.

12. POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, jul. 1992. ISSN 2178-1494.

Disponível em:

<<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/108>>.

Acesso em: 24 Ago. 2019.

13. SOUTO, Paulo Heimar. “*É como se tivesse a roça e faltasse a enxada*”: formação em serviço de professores de história em áreas interioranas. Macapa: edUNIFAP, 2015, 264pp.

14. WIKIPÉDIA. Desenvolvido pela Wikimedia Foundation. *Canindé de São Francisco*. Disponível em: <<http://>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Canind%C3%A9_de_S%C3%A3o_Francisco>.

Acesso em: 03 Jan 2020.